

Seis caminhos

para

Santiago



Ana Luisa Nascentes

Seis caminhos
para *Santiago*

Ana Luisa Nascentes

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
JORNALISMO UFSC - 2018

ORIENTAÇÃO
Samuel Lima

REVISÃO
Samuel Lima

PROJETO GRÁFICO, CAPA E ILUSTRAÇÃO
Maria Laura Cabral

FOTO DE CAPA
Jorge Luis Ojeda Flota cedido ao site *unsplash.com*

“Ninguém anda o Caminho por acidente”
The Way - Filme

Agradecimentos

À minha família que sempre deu forças para a vida em Florianópolis, me encorajando a ser o melhor de mim e me tornar adulta. Ao pai Paulo, por sempre ter me mostrado que eu podia ser uma pessoa melhor e me apresentado o mundo dos livros, à minha mãe Silvia, por ter me socorrido tantas vezes, por telefone e vindas à Floripa e me ensinado que pouco a pouco eu poderia ser um ser humano independente. E à minha melhor amiga e irmã Ana Beatriz, que me ensinou (e me ensina) a tomar decisões com calma e amor próprio.

Às minhas fontes amadas. Com elas tive a oportunidade de peregrinar por diversos caminhos e aprender que o amor puro é a essência do ser humano. Em especial à amiga querida, Livia Moro, que em um fim de tarde na praia de Ubatuba me inspirou esse tema tão humano. Às amigas Ana Beatriz, Alice, Marcela, Clara, Maria Fernanda, Ana Cristina, Larissa, ao namorado James Gabriel e família do Rio de Janeiro por se empolgarem com o meu trabalho, lerem minhas palavras e sempre perguntarem “Como está o tcc? Estou tão ansiosa(o) para ler”. Vocês são incríveis!

À Universidade Federal de Santa Catarina e toda sua estrutura (pessoal e física). Fazer parte de uma instituição de ensino pública, gratuita e de qualidade foi um imenso prazer.

Ao meu orientador, professor e querido amigo, Samuel Pantoja Lima, que me incentivou a continuar no caminho do jornalismo e acreditou nas minhas ideias e na minha capacidade.

9

14

25

34

44

54

63

Introdução

Cenoer e Lucimar Rosa

Lívia Moro

Chistiano e Sophya

Lucas Brandão

Família Tilp

Mhanoel Mendes

O Caminho de Santiago de Compostela

Falar sobre o Caminho de Santiago de Compostela atualmente é falar sobre processos de introspecção, reflexão, indagação, transformação e até mesmo de transcendência. Ainda que a busca por respostas ou por mudanças de vida seja um das principais motivações para a peregrinação, nem sempre foi dessa forma. Entender a história do Caminho de Santiago e compreender como ela se traduz nos dias de hoje é crucial para conhecer as trajetórias de Cenoer e Lucimar, Lívia, Chris e Sofy, Lucão, Família Tilp e Mhanoel.

A história da peregrinação tem início com a descoberta do túmulo do apóstolo Tiago durante o reinado de Afonso II (792 - 841 d.C.). O fiel discípulo de Jesus Cristo era irmão do também apóstolo João e, junto do irmão e de Pedro, esteve presente em momentos importantíssimos para a história cristã, como o sofrimento de Jesus no Jardim das Oliveiras e Sua transfiguração. Após a morte de Jesus Cristo teve início um notável processo de evangelização proporcionado por Seus seguidores, Tiago ficou responsável pelos

ensinamentos na península ibérica e, por esse motivo, se tornou uma figura importante na região. Em 44 d.C., o rei Herodes ordenou que Tiago fosse morto decapitado por causa de sua grande fé, na região da Judeia. O então apóstolo foi morto como mártir religioso e seus discípulos transportaram seus restos mortais de volta para a Espanha, onde o enterraram. Mais adiante, por volta do ano de 813, um ermitão espanhol chamado Pelayo observou uma chuva de estrelas¹ que levava a um monte de pedras no Monte Libradón, onde o túmulo de Tiago seria então encontrado.

A descoberta do túmulo coincidiu com o período da Reconquista (722 - 1492), em que os cristãos lutavam pela retomada do território ibérico após a ocupação de povos muçulmanos. Era conveniente para os reis da época enaltecer símbolos católicos, assim, o ideal por trás dos soldados que batalhavam seria fortalecido. Dessa forma, o rei Afonso II incentivou a construção de uma capela para abrigar os restos mortais do santo e apóstolo. Conta a lenda ainda que em 819, durante a batalha de Clavijo, o Santo Tiago apareceu em cima de um cavalo branco com espada empunhada e levou os cristão à vitória. A partir do milagroso gesto, Santiago se tornou o santo patrono e protetor da Espanha. E essa foi a primeira razão pela qual a peregrinação ao túmulo teve início, como forma de agradecimento e homenagem ao apóstolo. A capela começou a se tornar a suntuosa Catedral de Santiago apenas em 1075, quando teve início a sua construção durante o reinado do rei Afonso VI.

Em 1181 surgiu a segunda principal motivação histórica para a peregrinação. Naquele ano, a Catedral de Santiago de Compostela obteve o privilégio religioso conhecido

¹A palavra Compostela vem do latim Campus Stellae, que em espanhol seria algo como “Campo de la estrella”, remetendo a chuva de estrelas vista por Pelayo.

como *absolvição plenária*, outorgada pelo Papa Alexandre III. O privilégio permitia que fosse concedida uma indulgência plenária àqueles que visitassem a Catedral em Ano Santo Jubilar. Ou seja, os peregrinos que chegassem a Catedral nos anos em que o dia 25 de julho, dia da festa de Santiago, coincidissem com um domingo seriam absolvidos de todos os pecados cometidos na Terra. Os Anos Jubilares ainda são de grande importância e de muitas celebrações para a Catedral e, apesar de a *absolvição plenária* continuar vigorando, não se têm mais registros de continuar sendo uma motivação para a peregrinação.

A partir do século XIV tem-se uma diminuição significativa no número de peregrinos, pois as pestes que acometeram a Europa e as guerras religiosas impossibilitavam a peregrinação. Mas a visita do Papa João Paulo II ao Caminho de Santiago, em 1982, contribuiu fortemente para que o destino voltasse a ser considerado um fenômeno entre os cristãos. De acordo com os relatórios da Oficina de Acogida al Peregrino, nos próximos dois Anos Santos Jubilar, os números de peregrinos já havia crescido consideravelmente. Em 1993 foram cerca de 100 mil e em 1999, 150 mil. Já em 2010, também Ano Santo Jubilar, Santiago de Compostela recebeu mais de 270 mil peregrinos. O número de visitantes nos anos não jubilares também continua crescendo, em 2015, por exemplo, foram 262.447 peregrinos.

O Caminho hoje se constitui em uma série de rotas que levam a Santiago de Compostela, sendo a principal delas o Caminho Francês, que tem início na cidade de San Jean Pied de Port na França e percorre 819 quilômetros até Santiago. De acordo com os dados dos relatórios anuais da Oficina de Acogida al Peregrino os viajantes levam em média de 28 a 35 dias para cumprir esse caminho. As outras rotas consideradas oficiais pelo órgão são o Caminho do

Norte, o Caminho Primitivo, o Caminho Inglês, o Caminho Português e o Caminho de Via de la Plata. Mas é importante frisar que não há necessidade de começar o percurso onde essas rotas têm início, o peregrino pode escolher partir de qualquer etapa dos caminhos.

Um dos objetivos do Caminho é a obtenção da *Compostela*. Documento que comprova a distância percorrida e oficializa a peregrinação. Para obtê-la é necessário andar por pelo menos 100 quilômetros ou 200 quilômetros, no caso de bicicletas e burros. Ao iniciarem a jornada, os peregrinos recebem em igrejas cadastradas ao longo das rotas a Credencial do Peregrino e o Passaporte do Peregrino. Através do passaporte a comprovação das distâncias pode ser feita, uma vez que é nele que os peregrinos recebem carimbos pelas cidades em que passam. Já a Credencial funciona como o “salvo conduto”, que demonstra o desejo de caminhar com um sentimento cristão, remontando à época dos antigos peregrinos, que precisavam comprovar a sua “bondade” para receber hospedagem e alimentação.

A rotina dos peregrinos é normalmente estabelecida de tal forma: acordam cedo para caminharem antes do sol nascer e terminam o percurso entre 12h e 15h, quando param para almoçar e enfim descansar. O passar dos anos e o aumento considerável do número de peregrinos proporcionou uma maior infraestrutura para acolhê-los. Os restaurantes disponíveis no Caminho oferecem normalmente uma refeição chamada “menu peregrino” composta de salada, prato principal e sobremesa, sendo que seu valor gira em torno de oito euros. O número de albergues e hospedarias também aumentou consideravelmente, hoje é possível encontrá-los a distâncias pequenas e o preço médio pago pela hospedagem é de 10 euros, sendo que na região da Galícia todos os albergues são obrigados a cobrar

apenas seis euros. Apesar de nos dias atuais o Caminho não ter um caráter estritamente religioso como no passado, a Igreja Católica ainda é a principal responsável por acolher os peregrinos de todo o mundo, através de um programa chamado Acolhida Cristã no Caminho (ACC). Fazem parte do programa alguns albergues oferecidos por paróquias, ordens religiosas e irmandades, além de centros de acolhimento onde os peregrinos recebem informações e, em caso de necessidade, são ajudados.

Outro aspecto interessante do Caminho de Santiago a ser observado é a tamanha diversidade daqueles que caminham. De acordo com o relatório anual de 2017, 51% dos viajantes eram homens e 49% mulheres. A maior parte dos peregrinos deste ano tinha entre 30 e 60 anos, sendo 55% deles, 17% tinha mais de 60 anos e 28% menos de 30. Os espanhóis lideraram em relação à nacionalidade, sendo 44% dos peregrinos. Já os brasileiros, estão em nono lugar, representando 3%. Em relação ao meio pelo o qual fizeram o percurso 7% o fizeram de bicicleta e os outros 93% a pé. As motivações registradas são 43% de ordem religiosa, 47% de ordem religiosa e cultural e somente 9% motivados apenas pelo aspecto cultural.

Essa diversidade pode ser exemplificada pelos perfis aqui descritos. As motivações, idades, origens e gêneros se cruzam no Caminho e abrem espaço para as mais memoráveis e bonitas histórias. Essa heterogeneidade também enriquece e enobrece o percurso milenar, histórico e espiritual. E mostra a cada experiência contada que, mesmo com as mais múltiplas diferenças, a essência do ser humano é a mesma e que no fundo todos podem ser apenas peregrinos.

01

“No Brasil dizem que a gente nasce com uma bola no pé, eu nasci com a bota no pé.”

*Censor e
Lucimar Roja*

Quem passa na frente da casa bege de dois andares em uma rua tranquila no sul da ilha em Florianópolis mal pode imaginar o que a garagem daquele lar abriga. Talvez o azulejo azul estampado com uma concha amarela e estrategicamente posicionado ao lado do portão possa dar uma pista. A garagem da casa de Cenoer e Lucimar é um verdadeiro museu da peregrinação. O casal de manezinhos, que jura conseguir se comunicar apenas no dialeto local, se conheceu na ilha quando ainda eram adolescentes e nunca mais se separaram. O gosto pelo caminhar é intrínseco à relação e as memórias vão sendo acumuladas naquele cantinho sagrado à medida que os quilômetros vão sendo andados. Nas paredes há quadros que emolduram mapas de rotas, credenciais do peregrino, pinturas de paisagens por onde passaram e as primeiras botas e mochila de Cenoer. Mas o mais especial não está na parede, em um canto protegido, os cajados, compa-

nheiros fiéis das caminhadas, são colecionados e guardados. Curiosamente em volta deles cadarços são amarrados e o motivo de estarem lá é dos mais interessantes: a cada mil quilômetros percorridos, o cadarço que acompanhou a distância é amarrado. E não é difícil se surpreender com a quantidade deles. Algumas dezenas estão por lá.

O dito popular fala que o brasileiro nasceu com a bola no pé, mas para Cenoer foi diferente. Ele nasceu com a bota de caminhada no pé. O senhor aposentado de barba comprida diz com orgulho que os seus caminhos são sempre longos e que o primeiro deles, há quase vinte anos, foi o Caminho das Missões no Rio Grande do Sul. Desde então não parou. A lista dos caminhos feitos no Brasil é extensa, em Minas Gerais, no estado do Rio de Janeiro e até mesmo de Florianópolis a Madre Paulina. Fora do país a lista se estende ainda mais, Cenoer já percorreu caminhos até Machu Picchu, caminhou na base do monte Everest e nas montanhas do Ushuaia. E como um bom peregrino percorreu diversas rotas com o objetivo de chegar a Santiago de Compostela. Como o Caminho Português saindo da cidade do Porto, o Caminho Francês saindo de Le Puy, o Caminho da Via de La Plata, Caminho de Arles e Caminho Aragonês. Aliás, Cenoer não é apenas peregrino, o senhor do mundo possui as três graduações daqueles que caminham a Santiago. Peregrino é aquele que percorre as rotas conhecidas como Caminho de Santiago de Compostela. Romeiro é quem sai de Roma para caminhar 2750 quilômetros rumo a Santiago. E rameiro é a pessoa que percorre quase oito mil quilômetros partindo de Jerusalém. Cenoer se tornou peregrino em 2005, romeiro em 2008 e rameiro em 2017.



Intrigado pelos livros de Paulo Coelho sobre o Caminho de Santiago, Cenoer decidiu que após sua aposentadoria

gostaria de caminhar pela rota histórica que tanto o interessava. Logo no início descobriu que boas e surpreendentes coincidências da vida acontecem quando seguia o instinto daquilo que tinha vontade de fazer. Moradores de uma ilha com dezenas de praias, Cenoer e seu filho mais velho eram fãs de surfe e passaram anos assistindo às fitas cassete onde estavam gravadas competições do surfista americano Rob Machado. Uma das cenas da competição intrigava profundamente Cenoer: enquanto os surfistas estavam no mar, um trem passava à beira da praia e aquilo o encantava. Quando tomou a decisão de ir sentiu certa resistência do mesmo filho, que se preocupava com o pai não dar conta da aventura. Apesar das diversas instruções recebidas do filho, Cenoer sentia que deveria seguir a sua vontade e, ao chegar em Madrid, pegou um trem rumo a San Jean Pied de Port, onde iniciaria a caminhada. A surpresa veio quando, chegando na estação de Biarritz, percebeu que o trem estava passando pela praia que via nas fitas. Cenoer ligou para seu filho e falou com brilho e orgulho no olhar “estou vendo o Rob Machado surfando na praia de Biarritz!”. O Caminho naquele inverno foi duro, Cenoer caminhou os montes Pirineus na neve e em meio às dificuldades físicas e climáticas orou ao Santo Tiago pedindo para nunca mais fizesse uma viagem como aquela, para que nunca mais caminhasse.

Mas o Santo não respondeu como Cenoer gostaria. Hoje ele entende que seu corpo pede para caminhar e, mesmo que a mente indique preguiça, o corpo precisa do movimento. As caminhadas servem como remédio para a alma, para a cabeça e para o coração. A sua sorte foi ter encontrado como companheira de vida outra caminhante, fazendo com que, assim como o laço da bota que ele jura nunca desatar, os dois estejam sempre unidos. Caminhar em casal se tornou rotina não apenas nos longos caminhos

de peregrinação, e qualquer viagem se torna uma oportunidade para viver outra grande aventura. O Rio de Janeiro, por exemplo, se tornou pequeno para o casal, que turistou apenas a pé. Até mesmo o morro do Corcovado, que fica a 709 metros acima do mar, o casal visitou dessa maneira. A paisagem quase desértica dos Lençóis Maranhenses também não ficou para trás e, dessa vez descalços, caminharam nas areias do nordeste brasileiro. Outro aspecto visível de Cenoer e Lucimar é o bonito respeito de um pelo outro. Há caminhos que apenas Cenoer quer percorrer e outros que apenas Lucimar almeja caminhar. E as vontades divergentes não representam sequer um instante de hesitação ou impedimento. Se há vontade, vão. E assim se apoiam continuamente para seguirem rumo aos seus sonhos, particulares ou em conjunto.



A caminhada particular de Lucimar nesse momento é como tesoureira na atual gestão da Associação Catarinense dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela, com sede em Florianópolis. E sua rotina é agitada gerindo os mais de 300 membros do grupo. O início da Associação aconteceu no dia 25 de julho de 1999, dia em que se celebra o Santo Tiago, com um grupo de amigos que havia peregrinado rumo a Santiago e gostaria de, além de manter viva a memória das caminhadas, auxiliar na preparação de outros interessados em peregrinar. A Associação foi registrada apenas um ano depois de sua fundação na Xunta da Galícia podendo assim oferecer também o documento da Credencial do Peregrino, necessário para comprovar a peregrinação durante o percurso na Espanha. Essas têm sido a missão desde então, há quase vinte anos. A provável maior conquista da Associação foi a oficialização de um percurso de 21 quilômetros saindo de Canasvieiras rumo

aos Ingleses como parte do Caminho de Santiago de Compostela. A busca pela oficialização foi um processo longo, mas resultou na alegria da aprovação da Xunta da Galícia. O trabalho da Associação hoje é também de manter essa rota segura para os peregrinos manezinhos.

A única tristeza de Lucimar por trabalhar como voluntária na Associação é de estar tão envolvida e ocupada que não há tempo para viajar com Cenoer. Juntos já viveram uma série de aventuras em meio às caminhadas em direção a Santiago. Uma das grandes alegrias da dupla é quando se deparam com as feiras europeias regadas a salame, pães e vinhos. O casal, aliás, é fã de vinho, tão fã que confessam já terem andado dez quilômetros a mais sem perceberem, distraídos pelo vinho que haviam bebido no almoço. As risadas nessas situações são constantes e ao serem perguntados se preferem água para acompanhar a refeição a resposta é sempre não. Há dias em que carregam o próprio vinho na mochila para acompanhar as pausas pelo Caminho, as refeições vão sendo feitas embaixo de árvores e até mesmo na praça central das cidades históricas europeias. Cenoer admite também que seus únicos momentos de desconforto físico acontecem quando, ao beber vinho demais, o corpo desidrata, tornando o outro dia penoso. Mas mesmo contando sobre esse “desafio”, os olhos de Lucimar e Cenoer brilham ao lembrar das memórias e transparecem uma tranquilidade poucas vezes vista. A tranquilidade é presente na vida do casal, que mesmo ao se perderem durante a jornada no Caminho Francês continuaram em frente e, felizes, se reencontraram após três horas.



Apesar de não serem católicos praticantes, a devoção por Santiago é nítida. A casa da dupla abriga algumas imagens do simpático Santo de cajado na mão e manto nos ombros.

Uma das experiências mais especiais e espirituais para o casal aconteceu em uma tarde ao peregrinarem. A linha do horizonte, a quase 500 metros de distância, denunciou a sombra de uma silhueta bem nítida para Lucimar: Santiago de cajado e manto peregrinava a frente deles. Na dúvida sobre o que via chamou Cenoer que vinha logo atrás, mas o senhor confirmou a visão, também estava vendo a sombra do Santo. A dupla preparou a câmera e registrou o momento. Mais tarde porém, ao olharem a foto para recordar a cena, se surpreenderam ao verem apenas a foto de uma bonita paisagem espanhola, a figura havia desaparecido. E nessas surpresas, mágicas ou coincidências, vão sendo abençoados. Mesmo na única briga que houve durante uma peregrinação em casal, houve também aprendizado. Lucimar caminhou sozinha em meio a choro por cinco quilômetros no Caminho Português, mas ao se reencontrar já no albergue no fim do dia com Cenoer, percebeu que o bom da vida está em chorar de alegria.

E a alegria do casal está também na ajuda e na irmandade. Os caminhos ensinaram que assim como na peregrinação todos são iguais, não importa de onde vêm, a profissão ou tipo de pensamento. A tolerância deve ser e é máxima. O importante para Lucimar e Cenoer é se relacionar bem com aqueles que encontram e dessa forma vão agregando. Um pequeno gesto de dividir uma maçã com um peregrino com fome se torna uma lembrança doce para o coração. Os medicamentos que levam para sua viagens vão sendo distribuídos pelo Caminho para aqueles que precisam. E dessa forma também recebem ajuda. Um momento marcante para ele foi quando ao caminhar tarde da noite à procura de uma venda para comprar comida foi parado por um carro e o senhor que dirigia ofereceu ajuda. Cenoer explicou que em suas caminhadas se negava a andar de carro e por isso seguiria à pé, mas o homem insistiu e o guiou até sua

casa. O senhor era um dos responsáveis por cuidar das setas amarelas do caminho e abriu seu lar para recebê-lo aquela noite. Ao conversarem, as coincidências ou “encaixes”, como diz Cenoer, vão aparecendo e o guardião das setas contou que na sua história havia passado pelo Brasil. Não apenas tinha morada no sul do país, como conhecida Florianópolis. Dessa forma, as viagens de Cenoer e Lucimar vão sendo feitas e os amigos colecionados. O sonho dele é, um dia, reunir todos aqueles com quem “pegou” amizade na sua casa em Florianópolis para confraternizar e celebrar os encontros e coincidências da vida.



Também em meio a uma coincidência veio a vontade e o ímpeto de percorrer os oito mil quilômetros de Israel à Espanha. Em uma das noites durante o caminho que saía de Roma, Cenoer se hospedou com seus cinco amigos em uma igreja repleta de doações. O padre responsável explicou que não haveria problema em dormir naquele local, mas precisariam retirar as doações para poderem se acomodar. À medida em que a pilha de doações era organizada, um antigo mapa aparecia na parede de pedra. E ali estava o trajeto que Abraão, o profeta do Velho Testamento, havia feito. Naquela hora veio o desejo de um dia percorrer o mesmo caminho. Em 2015 tiveram início os preparativos e em novembro Cenoer partiu rumo à Israel. O primeiro desafio apareceu quando tentou passar pelo Líbano e pela Síria. Era época de guerra e as autoridades da fronteira não permitiam que aqueles que visitam Israel entrem em seu país muçulmano. Não teve jeito, retornou a Tel Aviv, em Israel, e seguiu rumo à Istambul na Turquia para tentar novamente atravessar a fronteira, mas também não foi possível, então continuou sua andança em direção à Grécia. Na fronteira Cenoer se deparou com a primeira tem-

pestade de neve e percebeu que continuar a trajetória seria árduo. Mesmo gostando do frio, as temperaturas eram perigosamente baixas e a visão extremamente limitada, os dias curtíssimos e a luz muito pouca. Cenoer voltou para o Brasil com a certeza de que continuaria aquele caminho em algum momento da vida.

O momento chegou rapidamente e em fevereiro de 2017, pouco mais de um ano após seu retorno ao Brasil, voou até a Grécia para terminar a história que tinha começado. Porque, afinal, para Cenoer, só é possível começar nos inícios e terminar nos fins. Cenoer passou pela Albânia, pela Sérvia, pela Bósnia, Croácia, Eslovênia, Itália, França e então Espanha. A jornada durou sete meses e nesse meio tempo se deparou com as mais diferentes e inusitadas situações. Alegre, sorridente e de risada solta, ao passar pela cidade de Medjugorje, na Bósnia, se deparou com um povo ainda triste pela guerra que ocorreu entre abril de 1992 e dezembro de 1995. Abalado pelo clima triste, entendeu que ir à Síria teria sido duro e que no fundo as coisas realmente acontecem como devem acontecer. Sem se contentar com caminhar o litoral, Cenoer se aventurava em percorrer também as ilhas próximas à costa. Na Córsega, ilha francesa localizada entre a Itália e a França, foi parado por policiais que impediram o seu percurso com medo de que o senhor morresse em meio a uma tempestade de neve. Se aventurou sendo confundido com árabes muçulmanos e dormindo em bueiros, dividiu refeições com pessoas do mundo todo, provou de todo o tipo de alimento que a costa europeia tem a oferecer. E duas grandes alegrias também aconteceram nesse período de sete meses: seu filho mais novo se formou e descobriu que seria avô de sua primeira neta, que hoje é a paixão dos avós babões.

Quase sem perceber, as mágicas foram acontecendo durante os oito mil quilômetros. Era comum ganhar refeições de pessoas que encontrava casualmente e até mesmo receber dinheiro de desconhecidos. A quantia, de quase 80 euros, que foi sendo acumulada durante o percurso, chegou a Santiago com Cenoer e foi integralmente doada à Catedral da cidade. Cenoer encontrou muitas almas e pessoas boas durante esse período, mas amizade de verdade, daquelas em que é possível se abrir, só aconteceu com um italiano, que conheceu nos últimos mil quilômetros. Os dois mantêm contato e Cenoer tem certeza de que se verão em um futuro próximo. Outras amizades que foram sendo cultivadas ao longo das caminhadas também continuam presentes, mesmo que longe fisicamente. O encontro com o hospitaleiro Dudu aconteceu na primeira peregrinação em 2005 e a amizade foi tão forte que Dudu já visitou Cenoer e Lucimar duas vezes no Brasil. Outro encontro aconteceu em Israel. Como Cenoer faria uma rota do Caminho de Santiago diferente da qual passa pela hospedaria de Dudu e tinha o desejo de rever o amigo, combinaram de se encontrarem em Jerusalém. Em uma manhã, ao sair do Santo Sepulcro, Cenoer caminhava quando ouviu “oh manezinho, oh istepô” e ali entendeu que o mundo é pequeno demais para as verdadeiras amizades.



A pergunta que fica é como o coração de Cenoer e Lucimar aguenta tantos períodos de distância, mas Lucimar afirma que a sensação é de como se estivessem na mesma casa. Diferente das primeiras vezes em que peregrinou sozinho, quando as notícias só chegavam a cada quatro ou cinco dias, a tecnologia permite que o casal se fale todas as noites e dessa forma vão compartilhando as rotinas, as experiências e os sonhos. Verdadeiros parceiros, em todos os

sentidos da palavra, seguem sonhando juntos todos os dias. A brincadeira, desafio ou combinado agora é que se ela parar de pintar o cabelo para deixar as madeixas brancas, ele finalmente corta a barba. Entre brincadeiras, risadas e aventuras, os planos para os próximos finais de semana são de fazer a trilha de três horas de caminhada até a praia da Lagoinha do Lestes e acampar à luz do luar - sem que os filhos saibam, é claro, ao contrário haveria muita preocupação. Mas Cenoer tem um plano ainda maior para a vida do casal: comprar um *motorhome* e explorar o mundo. E ele é enfático ao afirmar que a primeira bagagem a entrar no *motorhome* seriam duas mochilas e dois pares de bota. Afinal, o mundo é pequeno para o casal manezinho.



02

*“Quanto mais você se desafia e vai
contra a sua zona de conforto, mais
você descobre o sentido da vida, mais
você descobre o quanto é capaz”*

Lívia Moro

É comum ouvir que o Caminho de Santiago de Compostela é um espaço de busca pelo autoconhecimento. Também é frequente que essa busca seja relacionada somente à maturidade da vida adulta. Para Livia foi diferente. Entender sua identidade e sua individualidade foi sempre um processo na vida de Livia. Terceira de quatro filhos, aprendeu cedo que em família grande não há alternativa a não ser conviver, dividir, tentar entender o outro e, por fim, entrar em consenso. Quando pequena, esteve constantemente na jornada de compreender o porquê de não ir tão bem na escola. Enquanto os colegas tiravam notas boas, Livia se sentia deslocada, não entendia (e não entende) porque todos devem ser avaliados de forma igual, quando são pessoas diferentes, com vivências diferentes e com vidas diferentes. De certa forma, o Caminho de Livia teve início nessa época, em que ser questionadora do mundo e das realidades que estavam à sua volta virou o seu dia a dia.



Ao contrário dos seus irmãos mais velhos, Luana e Victor, que escolheram o direito e a engenharia, a escolha de profissão não foi tão óbvia. Aliás, foi também em meio a outro longo processo de autoconhecimento. Essa é uma escolha cruel para um jovem de 16 anos e para ela não foi diferente. Em uma primeira fase, Livia se decidiu por Design de Produto. Um ano depois, após um curso de História da Arte e uma temporada em Florença, pensou que seu caminho deveria ser na Arquitetura. Mas ainda não era o que realmente almejava. Somente depois de algumas tentativas, entendeu que a vontade e o interesse antigo e intrínseco pela Moda deveriam trilhar seu destino. Descobrir quem era, enquanto profissão, foi um processo doloroso, mas entender seu valor através do Design de Moda fez com que o caminho até ali valesse a pena. Após a graduação, durante o mestrado em Milão no ano de 2016, Livia começou a comprovar aquilo que já vinha sentindo. E a ideia de peregrinar seria apenas mais uma prova do quão valente tinha se tornado.

Morar fora do país não é uma tarefa tão simples. Em meio a outro idioma, cultura e cenário diferentes, a cascata de proteção de Livia foi se tornando ainda mais forte. E o instinto questionador que a tinha acompanhado até então teve espaço para aflorar. Nessa época de novidades e (re)descobertas, Livia leu o livro da autora americana Cheryl Strayed chamado “Livre”. O relato, do qual a própria autora é personagem, se passa na trilha americana, de 4.265 quilômetros entre a fronteira sul do México e Estados Unidos até o encontro com o Canadá, chamada “Pacific Crest Trail”. O livro, sobre uma jornada interior de autoconhecimento e fortalecimento, começou a despertar o interesse de se colocar a prova e testar seus limites físicos e emocionais. De testar a fortaleza que estava vivendo e virando. A amiga Giulia, que estava no Brasil,

leu o livro ao mesmo tempo e a vontade de peregrinar era mútua. Lívia sabia que não poderia contar para os pais do desejo, seu pai, que foi peregrino por duas vezes, vetaria de vez sua ideia . Então deixou a vontade no silêncio e sem que quase ninguém soubesse, Lívia e Giulia faziam planos. O momento espiritual favorecia, Lívia rezava muito, conversava frequentemente com Deus e ia se tornando cada vez mais corajosa e forte.

As passagens de Giulia foram compradas, os equipamentos também e as dicas iam sendo absorvidas aqui no Brasil. Giulia chegou até a conversar com o pai de Lívia sobre a peregrinação. Um mês antes da data que haviam combinado de iniciar a caminhada, Lívia comprou as passagens, a mochila e as botas. E uma semana antes, contou para os pais. Eles não reagiram muito bem e como esperado, tentaram convencê-la a não ir, mas Lívia estava decidida. Tão decidida como jamais estivera sobre outro assunto na vida. A primeira vez que colocou a mochila nas costas foi o dia em que saíram de Milão rumo a San Jean Pied de Port, na França. A escolha de peregrinar com companhia é uma escolha complicada e crucial para o sucesso da aventura. Andar lado a lado por 819 quilômetros pode ser a maior prova de um relacionamento, é uma questão bastante séria. Mas Lívia e Giulia encontraram uma na outra as companheiras ideais para aquela aventura. E possivelmente para as próximas por vir: quando a peregrinação da certo com uma companhia, você deve repeti-la ou ir sozinho. O ritmo da dupla combinava, a paciência era parecida e o cuidado com a rotina também.



Havia pouquíssima preparação física para enfrentar diariamente sete horas de caminhada. Mas os rituais que estabeleceram eram essenciais para o sucesso. Todos os

dias ao acordarem, os pés eram besuntados de vaselina, os dedos onde possivelmente nasceriam bolhas eram enfaixados, o protetor solar - extremamente necessário no verão europeu - era passado no rosto e os cabelos devidamente amarrados. Elas entendiam que conhecer e respeitar os limites do corpo seria fundamental, e assim fizeram. Ao contrário de muitos peregrinos que tem pressa de chegar em Santiago e se vangloriam pelos 28 dias percorridos, Livia e Giulia caminharam por 33 dias. Combinaram, muito sabiamente, dias de muita subida com menores distâncias. Paravam sem medo caso sentissem que o pé doía demais, tiravam a bota e descansavam da mochila. Souberam muito bem dosar a quantidade de água que devia ser consumida, outro quesito importantíssimo para vencer o calor. Muitos peregrinos, no verão, sofrem de queimaduras e desidratação por falta de responsabilidade com o corpo. E essa, definitivamente, não era uma questão para a dupla de amigas. Outra parte importante do cotidiano das peregrinas era frequentar, diariamente, a missa na cidade em que estavam. Apesar de Giulia não ser católica, acompanhava a amiga. Livia também rezou muito durante o tempo em que esteve no Caminho. Todos os dias ao iniciar a caminhada rezava o terço contando nas mãos. Nos momentos de dor, rezava e agradecia, e a sensação de alívio logo vinha.

A religião é importante para Livia. Cresceu em família católica e estudou em colégios católicos, mas apesar disso acredita em muitas coisas, frequenta inclusive o Centro Espírita. Livia acredita que não estamos aqui sozinhos, que a energia é muita somente para os seres humanos, acredita também que há pessoas com maior sensibilidade e que as coisas acontecem e aparecem para quem está preparado. Ela percebeu que todos os peregrinos, mesmo os mais céticos deles, constatarem ao longo do Caminho que existe

algo maior, uma força, uma energia, algo extremamente mágico e “fora do comum”. Para Lívia isso é Deus. Todos que se propõem a passar por essa desafiadora experiência têm uma história a ser contada e ao peregrinar descobrem o motivo de estarem ali. A experiência de caminhar como um “andarilho de luxo” - diferente de um andarilho comum, porque tem uma casa para voltar e sabe que tem essa casa - modifica pessoas que antes não tinham crença alguma, tocadas pela energia do Caminho de Santiago.

As experiências que o Caminho trazia para Lívia não eram apenas espirituais. Ela teve a chance de passar por uma das situações e sensações mais desejada no mundo moderno: Lívia flutuou em silêncio mental. Conviver com saudade e solidão já era habitual após um ano longe de casa, mas ainda assim a mente estava em constante zumbido, o inquietamento de ter diversas preocupações, diversos afazeres e compromissos nunca cessava. Mesmo que se caminhe com companhia, os momentos sozinhos e em silêncio são inevitáveis. E para Lívia foram um presente. Longe da loucura urbana de Curitiba - de onde é natural - ou Milão, cercada de natureza e quase sem preocupações, o corpo falava mais alto e o vazio na mente vinha facilmente. Com o silêncio, entendeu que muitos dos problemas da sociedade de hoje acontecem justamente pela falta desses momentos. Com mil pensamentos, viver o aqui e agora se torna difícil e as pessoas ficam cada dia mais doentes, mais ansiosas. Liberar a energia desnecessária para a casa onde o espírito está - o corpo humano - é necessário. E o esforço físico de passar muitos dias caminhando proporciona essa sensação. Principalmente quando se está em contato constante com a natureza.



O desafio e talvez a maior prova de paciência aconteceu quando *Los Chinchés* cruzaram o caminho das peregrinas. *Los Chinchés* são conhecidos também como *Bed Bugs* (em tradução literal: insetos da cama), se instalam em colchões onde a higiene não acontece com regularidade e são frequentes nos albergues e hospedarias do Caminho. Os temidos insetos se alojam no corpo humano sem que seja possível perceber e são responsáveis por alergias tão terríveis que muitos peregrinos são obrigados a desistir da jornada. No início de um dia de caminhada, Livia viu dois pontos vermelhos no pescoço da amiga, mas decidiram que só se preocupariam com isso no final do percurso. Àquela noite, ao chegarem no albergue, que curiosamente estava vazio, conversaram sobre o assunto e Livia foi ficando mais assustada com a possibilidade de que Giulia tivesse sido picada. Mas a preocupação e a atenção pareciam não ter sido por acaso: quando olhou a parede de pedra do quarto do albergue, o tom marrom denunciou que na verdade o albergue não estava vazio como tinham pensado, mas infestado de *Los Chinchés*.

Às onze horas da noite, deixaram o albergue e partiram em busca de uma solução. Um pequeno hotel, que parecia ser amigável e receptivo, foi a salvação da noite. Depois de explicarem a situação e mostrarem seus passaportes peregrinos carimbados, puderam se hospedar. A dupla subiu para o quarto apenas com a roupa do corpo e as escovas de dente, a mochila e todos os equipamentos foram lavados pela equipe do hotel em uma máquina onde a temperatura era tão quente que possibilitava matar os insetos. A noite ficou para a história de Livia e Giulia. O estresse e a irritação que sobrou do inesperado encontro com *Los Chinchés* ensinou mais uma vez que é preciso respirar fundo, ter paciência e calma. No dia seguinte a rotina se normalizou novamente e seguiram o Caminho.

A chegada em Santiago despertou um misto de sentimentos em Livia. A saudade da família já estava grande. Ainda assim, não queria voltar para a realidade, se sentia nostálgica com que tinha acabado de viver. A gratidão por ter peregrinado era enorme e a sensação de vitória de ter conseguido fazê-lo, indescritível. Chegar novamente na loucura de uma cidade grande a assustava: o cheiro incomodava, o barulho incomodava, a enorme quantidade de pessoas incomodava. Não estar mais no meio da natureza ou ambientes quase puros de intervenção humana, fez com que Livia começasse a se questionar o sentido do *ter*. E entender que o que realmente precisamos está dentro da gente. A volta à Milão durou pouco, a saudade e a vontade de retornar ao Brasil já eram grandes. Um mês depois da peregrinação e após a visita do irmão e da mãe, Livia voltou para a antiga realidade curitibana.

O cenário que a esperava aqui foi bastante diferente do que imaginava. Hoje, Livia entende que só conseguiu atravessar os desafios que a volta trouxe porque sua “frequência” estava muito tranquila. O namorado estava em depressão, o que Livia não soube durante o período europeu. A mãe tinha sido diagnosticada com dois tumores na meninge. E os irmãos mais velhos estavam longe, um na Inglaterra e o outro nos Estados Unidos. Não havia com quem conversar, com quem compartilhar os problemas. Os aprendizados, vivências e reflexões da peregrinação agregaram uma energia tão boa e leve a ela que os problemas encontrados no regresso conseguiram ser superados. O sentido de ser peregrino para Livia não podia ter sido mais colocado em teste nesse momento. Livia acredita que todos os que topam passar por dificuldades, entendem que nelas é possível se fortalecer e com resiliência, coragem e força são capazes de superá-las, são peregrinos. Livia foi e é peregrina.



As indagações sobre o *ter* e o *ser* continuavam, até o ponto em que Livia entrou em crise com a profissão que havia escolhido. Era quase impossível conciliar o entendimento adquirido após um mês vivendo com duas mudas de roupa com a máxima da moda de vender roupas. Tentando encontrar a solução para essa questão de forma equilibrada, Livia criou a Arbol. A marca surgiu com a ideia de eliminar todos os excessos das roupas conceituais, o que foi mais um desafio para Livia, que encontrava nesses elementos o lugar onde se sentia mais confortável. A Arbol vende a ideia de ir contra o excesso e a favor do essencial. Livia cria roupas claras, em linho, suaves como o seu modo de falar. O objetivo é que as peças, por ser mais básicas e de boa qualidade, possam ser usadas por mais tempo e, dessa forma, gerem menos lixo para o mundo. Livia faz questão de avisar suas clientes que comprem apenas se realmente gostarem do que estão vestindo pois, para ela, não faz sentido alguém comprar algo apenas para “ajudar” alguém. Livia vai descobrindo novas dores a serem resolvidas, novos desafios diários a serem superados, e assim caminha com a Arbol.



Os processos de autoconhecimento de Livia e sua busca constante por entender quem é continuam. Ir contra a vontade dos pais e conseguir cumprir aquilo que se propôs aumentou sua fé. O Caminho em sua vida é cultivado diariamente ao acreditar mais em si, ao perceber do quanto é capaz, ao entender as vontades de Deus e ao aumentar, cada dia mais, sua auto-estima. Livia é testemunha de que nada é impossível para quem tem fé, acredita e quer.



03

*“Nós aprendemos que para seguir
adiante, para ir ainda mais longe, é
necessário deixar algo para trás.”*

*Christiano Lemoy e
Sofya Mambrini*

Tentar entender os sinais do Universo não é tarefa simples. Mas às vezes ele dá algumas dicas. E então é possível perceber exatamente como as coisas devem acontecer. Há momentos em que, por mais que você queira algo, tenha dinheiro e vontade, simplesmente não dá certo. Em outros, as coisas somente acontecem, por vezes não é nem possível vê-las e percebê-las. Ainda assim, elas fluem. O amor de Sofya e Christiano foi assim, fluiu.



Sofya, natural do Rio de Janeiro, capital, estava no último ano da graduação de Letras Italiano quando conheceu Chris. É fácil imaginar que não houve mágica na forma com que o encontro aconteceu, afinal “só se conheceram em um bar”. Mas engana-se quem não vê o Universo agindo a favor desse amor poliglota. Ao final da graduação em Letras Italiano, era necessário que Sofya apren-

desse a Língua Brasileira dos Sinais (Libras), uma vez que seria professora e esta competência seria necessária para poder proporcionar um ensino inclusivo.

De risada fácil e papo gostoso, entusiasmada em aprender mais uma nova língua, Sofya logo fez amizade com o monitor da classe, que era surdo. Ao mesmo tempo, Chris, professor de inglês e graduando do curso de Administração da mesma universidade, ensinava o amigo surdo a falar o idioma e, ao mesmo tempo, também aprendia Libras. Pois o monitor e amigo decidiu passar as férias longe de Florianópolis e Sofya organizou um bar de despedida. Chris, é claro, foi avisado do bar e passou para dar um abraço no amigo que viajaria. Ela, professora de italiano; ele, professor de inglês. Ambos aprendendo Libras. Sofya recém retornada de um ano na França, Chris com vontade de praticar um pouco de francês que dominava. O encontro não poderia ser mais certo. Os idiomas eram tantos que entrelaçaram os amantes das línguas, que a partir de então não mais se soltaram.

Era julho de 2016 e Sofya estava certa de que assim que terminasse a faculdade no final do ano correria para a Europa, de onde seu pai é e mora. Desde o início do relacionamento era claro que, por mais que se gostassem, haveria um prazo para o romance acabar. Não havia joguinho de ego ou ciúmes, pelo contrário, só se jogou o jogo da honestidade e sinceridade. Chris e Sofya tinham vontade de ser e se viam. Tinham vontade de estar juntos e estavam. Tanto estavam que após dois meses do primeiro encontro, o namoro foi oficializado. E seis meses depois, estavam morando juntos. O tempo passou, dezembro chegou e as passagens dela não foram compradas. Chris, que tinha desejo de conhecer o mundo propôs que, caso ela aceitasse esperar um ano até que ele se formasse, iria junto. E ela aceitou.



Um dos principais ensinamentos da vida do casal, que seria mais para a frente concretizado durante a caminhada, é que não é possível progredir e ir em frente sem deixar algo para trás. Mas eles não deixaram algo, deixaram tudo. Venderam o que foi possível, doaram o resto, se despediram dos amigos e da família e deixaram Florianópolis cada um com quinze quilos nas costas e um violão. O desejo era mudar de vida, sair da rotina que havia sido estabelecida quase sem perceberem. Queriam conhecer o mundo e desbravá-lo. Aprender novos idiomas e descobrir novas formas de viver. A verdade é que o caminho de Chris e Sofy começou quando embarcaram rumo à Europa, em março de 2018. O “espírito do peregrino”, de viver apenas um dia por vez, se tornou o “espírito do viajante” no coração do casal.



O primeiro mês em terras europeias foi de muitas viagens, de muito turismo. Dormir mais de uma semana no mesmo lugar se tornou raridade e os dias foram passando, um de cada vez. Os dois sabem, hoje, que estar juntos nessa aventura de tentar a vida sem destino certo só poderia funcionar porque encontraram um no outro as suas melhores companhias. Sofy não consegue mais imaginar como seria sua jornada sem Chris e ele, por sua vez, entende que sem ela nunca teria tido a ideia de largar tudo para trás e partir rumo ao desconhecido. Após a primeira etapa turística da viagem, começaram a busca por tentar entender qual seria o próximo passo. Mal sabiam que, na realidade, seriam os próximos passos. E muitos deles.

Na tentativa de descobrir qual seria a etapa seguinte, partiram para a cidade de Iezzi no leste italiano rumo à experiência de trabalhar em troca de hospedagem e comida, através de um programa mundial chamado Workaway.

Mas, após uma semana, sentiram que aquele não era o destino certo e decidiram voltar para a casa do pai de Sofy, na região da Toscana na Itália. Antes do retorno, esbarraram em uma pequena igreja na praça central da pitoresca cidade de Iezzi e se depararam com um versículo da Bíblia em sua fachada. O versículo se contextualizava em uma conversa de Jesus Cristo com seus apóstolos, em que o Mestre falava sobre caminhar o mundo para pregar a sua palavra. E deixava como mensagem que não era necessário levar muitas mudas de roupa, mas somente caminhar. A mãe de Chris já tinha feito o Caminho de Santiago de Compostela há quase 10 anos e, recentemente, ele havia visto a foto de um amigo que tinha recém terminado o mesmo percurso. Dessa vez o Universo mostrava bem claramente seus sinais e a orientação era para que peregrinassem na Espanha.

Apenas Sofy tinha dupla cidadania e por isso era necessário pensar no que fariam após os três meses de visto de Chris. O Caminho de Santiago caiu como uma luva e apresentou ao casal a oportunidade de pensar e ponderar sobre o assunto. As facilidades para que a jornada em busca de respostas se tornasse realidade foram acontecendo, as passagens estavam disponíveis e baratas, o clima estava agradável e nada os impedia. Em apenas duas semanas de pesquisas, eles partiram rumo à Barcelona. As dicas sobre equipamentos foram reunidas em dois ou três sites que falavam sobre peregrinação e a preparação física veio apenas das caminhadas da temporada turística.



Com início em Pamplona, uma etapa à frente de onde normalmente tem-se início o percurso, Sofy e Chris sentiram na caminhada uma rotina exaustiva e quase laboral. Acordear todos os dias, caminhar por sete ou oito horas era como

um trabalho braçal diário. E, de certa forma, encontraram no cansaço físico o maior dos desafios. O frio se mostrou outro obstáculo. A primavera espanhola vinha sendo bem atípica e foi necessário comprar sacos de dormir, além de mais um casaco para Sofy. A chuva porém deu trégua, em trinta dias de percurso, apenas três foram molhados. Logo no começo da jornada descobriram que caminhar não era especial, mas o Caminho em si era especial.

“É fora da zona de conforto que a mágica acontece” foi o que ouviram durante o Caminho. E não apenas ouviram, mas comprovaram. Era necessário que passassem por sofrimentos para que conseguissem chegar onde almejavam. Caminhar em si não foi prazeroso, o conforto era quase zero, havia dias em que não era possível tomar banho, dias em que os companheiros de quarto roncavam e cheiravam mal. E diante desses desafios, novas noções de consciência eram formadas e os limites do corpo eram vencidos. Nos dias em que caminhar já havia exaurido as energias, encontravam na corrida a adrenalina necessária para continuar, e assim seguiam. Mesmo tendo se tornado pessoas nada conformistas, afinal deixaram toda a vida que tinham no Brasil para trás, o valor de uma cama confortável, de uma rede Wi-fi e um banho quentinho se torna outro. O prazer estava em encontrar e conhecer pessoas, nas coincidências quase mágicas que aconteciam e em descobrir paisagens e cenários nunca vistos.



Alguns dos mais valiosos aprendizados do Caminho vieram através daquele que se tornou o guia espiritual do casal na peregrinação. De cabelo e barba brancos, com olhos extremamente azuis, Ives, um senhor francês de 60 anos, lhes ensinou, quase sem querer, que eles se completavam. As conversas eram sobre energia, sobre Deus,

questões espirituais e filosofia. E para que fosse possível embarcar em suas ideias, era necessário dominar o idioma francês. Chris entende que, ao encontrar outras pessoas em sua vida, tende a expor mais as suas ideias do que ouvir a dos outros. Mas nesse caso o domínio do falar estava com Sofy e Chris se viu diante da experiência de ouvir e aprender. Para Chris, Deus, o Universo ou a energia que o rege, agiu mais uma vez de forma precisa, de maneira que os ensinamentos passados por Ives, em um idioma que não falava com fluência, pudessem ser absorvidos não apenas enquanto Sofy, mas enquanto casal. Chris espalha melhor, enquanto Sofy absorve melhor e pelo mundo vão sendo um o ouvido e a boca do outro.



Como casal, os momentos de solidão foram poucos. Chris e Sofy caminharam lado a lado, não se separaram por nenhum momento. Buscaram andar sozinhos porque a companhia um do outro bastava e assim podiam falar de assuntos apenas deles, podiam ter conversas particulares e permanecer na intimidade do casal. Mas, em meio a um dos momentos em que conversavam com outro peregrinos, uma das experiências mais marcantes dos dias espanhóis aconteceu. Nesse dia, eles precisavam chegar em Burgos mais cedo do que haviam previsto e por isso se decidiram por pedir uma carona pelos próximos 20 quilômetros. Sofy segurou uma placa, onde estava escrito Burgos por algum tempo sem sucesso. Até que um viajante esloveno parou sua bicicleta para conversar. O papo fluiu de forma agradável, várias ideias sobre viagens de bicicleta foram trocadas e Sofy acabou abaixando a placa. Após 20 minutos de conversa e muitas dicas e conselhos adquiridos, Sofy levantou novamente a placa e o primeiro carro que passou parou para os viajantes.

O senhor espanhol que ofereceu a carona não somente era extremamente simpático e solícito, como se chamava Têo, que, literalmente, significa Deus. Mais uma vez, o Universo mostrou ao casal que as coincidências ou pequenos milagres acontecem para aqueles que estão preparados e atentos para percebê-las.



Desde o momento que tiveram a ideia de peregrinar, sabiam que o Caminho não poderia acabar em Santiago. Há a opção, escolhida por alguns dos viajantes, de caminhar por mais alguns dias e chegar a Finesterre, um município praiano abaixo de Santiago que representava para os antigos peregrinos o final das terras, o final do mundo que conheciam. Chris e Sofy decidiram que, como forma de compensar os primeiros dias “pulados” do percurso, iriam até Finesterre. Por isso, Santiago de Compostela foi apenas mais uma das muitas cidades pelas quais passaram. O contraste com os *pueblitos* por onde passaram foi grande e o casal se assustou com a imensidão turística da cidade. As vilas ancestrais, com arquitetura antiquíssima e clima tranquilo mostraram que o Caminho não poderia acabar em Santiago, afinal não era por e para isso que haviam caminhado tantos quilômetros. Os surfistas, da ilha de Florianópolis, precisavam chegar ao mar.

A chegada em Finesterre foi em um dia chuvoso e cinzento. Mas nada podia estragar a alegria do casal de estar perto do mar, de ouvir seu barulho e sentir seu cheiro. Logo que colocaram o pé na areia a busca pela vieira, a concha símbolo do Caminho de Santiago, teve início. Apesar de muitos peregrinos comprarem a concha no início da caminhada, o senhor Ives explicou ao casal o verdadeiro sentido de obter a vieira. Os antigos peregrini-

nos, ao chegarem na praia de Finesterre, encontravam a concha e como prova de que haviam peregrinado, a traziam de volta para casa, como um troféu da jornada. Dessa forma, para o casal, encontrar a vieira seria um sinal de merecimento, de cumprimento de uma difícil jornada. Em apenas três minutos de caminhada na areia, Sofy encontrou sua vieira. Mas Chris não. Apesar de feliz pela noiva, tentava entender o porquê de também não “receber” o seu troféu. Nos vinte minutos de caminhada que seguiram esse momento, Chris ponderou sobre se merecia, de fato, encontrar a concha, se havia se dedicado suficientemente no Caminho. Apesar de importante, começou a entender que a concha não era necessária, que talvez realmente fosse preciso se contentar com menos e ser mais humilde, deixar a competitividade de lado. Quando esse pensamento passou pela sua cabeça, sua concha apareceu. E depois dela, muitas outras.



Ao final dessa etapa da jornada de Chris e Sofy, o objetivo pretendido foi alcançado. A resposta que precisavam veio. E veio asiática. Eles partem para a Tailândia menos de um mês após a chegada de Santiago. Querendo ou não, a cultura brasileira ainda se parece muito com a europeia, afinal bebemos dessa fonte. E a ideia de viajar e descobrir o mundo não poderia estar somente no lado Ocidental do planeta. As passagens de volta ainda não tinham sido compradas, mas os planos eram de passar pelo menos três meses em terras orientais. Dessa forma, Chris poderia voltar legalmente para mais uma temporada europeia. As noções de mundo do casal se expandiram de tal forma que hoje sabem que é possível caminhar o mundo, se assim quiserem. Hoje, ao olhar 30 quilômetros em uma mapa, compreendem que essa é a sua nova

noção de um dia. E que se tornaram muito mais independentes dos carros, aviões e ônibus. Chris e Sofy sabem do quanto são capazes. Eles entendem que nada é impossível e que nada tem o poder de impedi-los de continuar caminhando. Até mesmo a questão financeira. O desapegar e o deixar para trás do começo da jornada é mais uma vez colocado em prova e em prática. O casal sabe que as economias são suficientes para o tempo no Oriente, mas que quando voltarem para a Europa essa reserva estará quase no fim. Ter dinheiro na conta é confortável, mas também pode ser um peso. E desapegar da ideia de ter economias guardadas é o novo desafio da Tailândia. Viver mais com aquilo que se tem, sabendo que não se precisa de muito, é libertador e eles nunca estiveram mais livres.



Sofy e Chris desejam ir mais longe, física e espiritualmente, querem chegar a outros níveis de consciência, querem chegar a outros lugares do mundo. E continuar caminhando, seguindo em frente. Para eles, a peregrinação apenas começou. Um dia, depois de verem o mundo e aprenderem muito sobre ele, quando estiverem preparados para se estabelecer, terão um cantinho só deles novamente. Chris e Sofy se encontraram como família e, até terem uma casa física de novo, serão o lar emocional e espiritual um do outro. Como a música do cantor Phillip Phillips, *"I'm going to make this place your home"*. No Brasil, na Itália ou em qualquer outro lugar do mundo.



04

“A gente ajuda o outro por uma questão caridosa, uma questão bonita que a gente tem que é o amor. Isso nas religiões tem nome, para mim é o amor de pessoas que se ajudam”

Lucas Brandão

Se você já esteve no meio de um conflito tentando entender as diferenças entre amar, adorar e gostar, você provavelmente vai entender como esses três sentimentos são diferentes. E também vai entender a nobreza de cada um, a genuinidade de cada um. Vai entender que amar é puro, amar não requer julgamentos, nem concepções previamente formadas. Então vai facilmente entender como Lucão é feito de amar.



O amor de Lucão pode começar a ser ilustrado por aquilo que ele mais ama: a palavra. Através dela, ele se realiza, cria, conta, imagina, sonha, lembra e ama. Para ele, a palavra é capaz de completar. Em 2006, durante a graduação em Comunicação na Universidade Federal de Goiás, Lucão criou o blog *Abra o Bico*. Decidiu que aquela era a sua necessidade. Precisava escrever, falar, se expressar. Resumidamente: precisava abrir o bico e deixar a timi-

dez de lado. Nesse momento, seu relacionamento com a literatura, com a escrita e, principalmente, com a poesia começou a ficar sério. Tão sério que 10 anos depois se tornou exclusivo, como um relacionamento fechado. A adorada propaganda, que foi a área de formação e esteve presente por toda essa década, acabou ficando em segundo plano. O primeiro livro foi publicado em 2015 e intitulado “É cada coisa que escrevo só pra dizer que te amo”, no qual o escritor goiano mesclou textos inéditos com uma compilação do que havia de melhor no acervo do *Abra o Bico*, falando sempre, é claro, de amor e amar.

Coincidentemente (ou não), o ano em que Lucão assumiu de vez o relacionamento com a escrita foi também o ano em que Lucão peregrinou pela primeira vez rumo a Santiago de Compostela. Lucão é, na verdade, Lucas Cândido Brandão. Nasceu em uma família onde todos eram *ãos* ou *inhas*, por isso Lucão. O sotaque entrega rápido que se trata de um goiano, nascido na Capital, e criado em Anápolis. Acostumado com o calor do Centro-Oeste brasileiro, decidiu que a melhor opção seria caminhar no verão europeu, mais especificamente no final de julho de 2016. Dessa forma não se preocuparia com a chuva e o frio, carregaria menos equipamento e, claro, se sentiria mais habituado ao clima “amigável”. Em meio a um processo de tentar se (re)entender como ser humano, como profissional e dentro do relacionamento com sua esposa, partiu para a Espanha com a meta de fazer metade da rota até Santiago, percorreria por volta de 400 quilômetros, partindo da cidade de Burgos. O objetivo era passar um tempo sozinho, tirar férias da loucura de conciliar as viagens de lançamento do primeiro livro com o trabalho de publicitário. Viu alguns documentários e filmes sobre o Caminho de Santiago de Compostela e tomou a decisão de que precisava ver aquelas paisagens, precisava passar por aquela experiência.



Na primeira noite da viagem, Lucão se hospedou em um dos albergues da rota e seu vizinho de beliche, o brasileiro Rodrigo, além de lhe oferecer algumas dicas sobre o Caminho, compartilhou sua história. Rodrigo havia caminhado com uma argentina por alguns dias e, apesar da ironia da rivalidade entre a Argentina e o Brasil, se apaixonado pela moça. Porém já fazia três dias que haviam se desconhecido. Rodrigo acordou numa manhã e a recém adquirida paixão havia ido embora, então sua busca no Caminho passou a ser também de encontrá-la. A história instigou Lucão e serviu mais adiante de inspiração para o seu quarto livro, do qual o cenário é a peregrinação espanhola. Lucão nunca mais encontrou Rodrigo e o mistério sobre o desfecho da história permaneceu no ar. A alternativa de Lucão foi escrever, ele mesmo, o destino desses amantes do Caminho. Em julho de 2018 será possível descobrir como se concluiu o “conto de fadas” dos peregrinos, quando o primeiro romance do autor será lançado.



A preparação para a primeira ida ao Caminho não foi tão eficiente quanto Lucão imaginava. A sensibilidade emocional dos momentos que estava vivendo no Brasil fazia com que a peregrinação se tornasse mais emotiva, mais reflexiva e, por vezes, mais difícil. A busca constantemente era pelos momentos de silêncio. Momentos em que era possível estar só. Lucão escolhia sair mais cedo das hospedarias para caminhar sozinho, escolhia entrar nas igrejas para descansar e andar na sua própria companhia pelas cidades em que passava. É claro que a escrita não podia faltar e, depois que os outros peregrinos se recolhiam no albergue, escrevia em seu pequeno diário. Os vinte dias de caminhada se mostraram mais complicados fisicamente do que podia imaginar. Lucão sofreu de uma inflamação chamada “síndrome do piriforme”, que tem

início no glúteo, passa pelo nervo ciático e irradia por toda a perna. No meio de muita dor, a certeza de Lucão era de que as pessoas encontradas pelo Caminho foram mais que cruciais para que conseguisse chegar a pouco mais de 100 quilômetros de Santiago.



Apesar de ter começado sozinho, não se sentiu solitário. Não há alternativas a não ser topar com viajantes interessantes e, para o poeta, essa é uma das partes mais valiosas do Caminho: encontrar outras histórias. A máxima é de que você nunca está só, as pessoas se juntam e se agregam. As amizades se fazem e desfazem, se cruzam e descruzam. Caminham juntas. Joaquim evoluiu com Lucão até Leon, o abraço de despedida, em meio ao choro do senhor que começou a amizade bastante fechado e nervoso, mostra que o Caminho realmente tem seus poderes misteriosos. Com o xará Lucas, um senhor de 70 anos do país basco, a colombiana Catalina e o jovem italiano Omar, Lucão aprendeu que as pessoas são bonitas. Aprendeu a amar mais ainda o ser humano. Aprendeu que a dor nos coloca em lugares onde é impossível não se emocionar. Aprendeu também que, de forma intensa e em um período curto, os encontros do Caminho são como os encontros da vida: tem pessoas que você decide levar para o resto da vida e de fato leva, outras, mesmo querendo reencontrar e manter contato, somem e se vão. Os encontros foram acontecendo e essas histórias, hoje guardadas com carinho no coração, fazendo com que as dificuldades valessem a pena.



Em um dia em que a dor já era quase insuportável e os bastões de caminhada já serviam de muleta, Lucão viveu uma das experiências mais marcantes da sua primeira peregrinação. Após decidir não continuar o percurso daque-

le dia, Lucão pegou carona com uma senhora que acompanhava seu marido peregrino de carro. Ao chegar em Bercianos Del Real Camino, Lucão se dirigiu ao albergue onde se hospedaria. Era cedo, por volta de dez horas e o estabelecimento ainda estava fechado, a senhora responsável explicou que ele havia chegado cedo demais e que teria que esperar algumas horas para se acomodar. Mas, curiosa e preocupada, perguntou o motivo do horário inusitado. Lucão explicou que estava machucado e com dor. A recepção então mudou de rumo. A mulher o recebeu de braços abertos, explicando que era uma regra: se há peregrino machucado, deve-se acolher, querem acolher. E assim fez. Esse foi um dia de choros para Lucão. Enquanto os quartos eram limpos e conversava com a hospitaleira na cozinha do albergue, as lágrimas caíam, no abraço que recebeu não foi diferente. Depois de tomar um banho reconfortante e dormir por algumas horas, acordou com um barulho na escada do albergue. Era Joaquim, seu amigo que havia terminado o percurso daquele dia, com ele estavam Catalina e Lucas. Juntos gritaram de alegria pelo reencontro e, mais uma vez, Lucão chorou.

A decisão sobre deixar o Caminho veio logo em seguida. Durante uma refeição de uvas recém colhidas das videiras de uma região vinícola da Espanha, Lucão sentiu a perna travar. Decidiu que chamaria um táxi para chegar, junto das mochilas dos peregrinos amigos, na próxima cidade, onde haviam combinado de se hospedar. Nesse dia, Lucão tirou uma foto da mochila dele junto da dos companheiros em cima de um banco do percurso, a foto acabou marcando o fim da sua primeira peregrinação. O destino naquele momento estava determinado e no dia seguinte Lucão pegou um ônibus para Santiago de Compostela e um voo para o Brasil.



Assim como a difícil decisão de interromper a caminhada, a volta se mostrou um desafio. Custou a aceitar que realmente estava de volta, que as pessoas consumiam tanto, e que a vida e a rotina eram daquela forma. Sonhar que estava no caminho era quase constante, acordar e não entender porque não estava no albergue também. O tempo no Caminho passa diferente do tempo da realidade. Os dias de peregrinação são tão impactantes e intensos que parecem ser um ano completo, não há para onde fugir e Lucão nem mesmo queria fugir daquela experiência. A vida de antes de caminhar continua quase a mesma, mas o peregrino volta diferente. Lucão já estava determinado que voltaria ao Caminho, queria ter a experiência completa e “começar do começo”. E queria também terminar a história de Rodrigo e do seu amor argentino. No intervalo entre as peregrinações, Lucão lançou mais um livro, chamado “Telegramas”, sobre amor, saudade, poesia e autoconhecimento. Decidiu que viveria de literatura, ou, pelo menos, tentaria. Também escreveu o primeiro capítulo e a sinopse com começo, meio e fim do romance sobre o Caminho. E com a aprovação da agente literária, que negociaria com as editoras enquanto Lucão peregrinasse pela segunda vez, partiu outra vez rumo à Espanha.



O início da segunda aventura, em julho de 2017, foi de fato onde se costuma ser o ponto de partida do Caminho. Lucão partiu de San Jean Pied de Port, na França, e cumpriu os 819 quilômetros até Santiago em 31 dias. Já mais certo das respostas em relação às dúvidas que tinha na primeira tentativa, dedicado exclusivamente à literatura, com menos peso nas costas, a emoção não foi tão intensa. A dor era menor e o “saber onde estaria pisando” facilitou o processo. Os momentos de silêncio foram mais raros e os encontros mais frequentes. A maior distância, tempo

e tranquilidade emocional permitiram que mais histórias fossem vividas e vistas. Os limites do corpo passaram a ser entendidos. E, principalmente, respeitados. As pausas eram mais longas e os alongamentos mais rotineiros.

A rotina de peregrino lhe permitiu que a segunda caminhada fosse vivida mais leve, igual ao peso de sua mochila. Havia tempo para pensar mais sobre os relatos que gostaria de incluir no livro e a prática de escrever à noite continuava valendo. Dessa vez havia um objetivo bastante concreto em relação ao registro dos acontecimentos, que no início foram sendo escritos à mão, mas com o passar dos dias e do desgaste e cansaço, o celular se tornou o abrigo daquelas histórias. Escrever à mão é romântico, poético, é lírico, mas a praticidade é quase nula. Para um peregrino, que andava em média 25 quilômetros por dia, a opção da tela é certa.

O ponto de desistência da primeira viagem foi motivo de orgulho, celebração e felicidade na segunda. Lucão fez questão de fotografar a mochila no mesmo banco e saltá-lo, como prova de havia vencido a barreira que as dores tinham imposto em 2016. Estava bem e sem dores. A peregrinação ia bem. Como peregrino aprendeu a viver mais com pouco. Aprendeu que viver é de fato ver mais aquilo que está ao redor, experimentar mais, ver mais as pessoas e buscar entendê-las melhor. Todos os que estão no Caminho, não só de Compostela, mas da vida, têm suas dores e é necessário mais cuidado com os julgamentos.



Lucão é ateu. Escolheu essa opção por sentir que era a mais equilibrada, sem a necessidade de se preocupar com religião ou com debates religiosos. Ainda assim viveu pelos dias de caminhada a religião que para ele vigora no Caminho: a religião do peregrino. As pessoas dão e recebem

amor, ajudam e são ajudadas, abraçam e são abraçadas, dão e recebem afeto. Quando você menos espera, quase como num passe de mágica, a pessoa certa, de quem você precisava, aparece. Apesar de o Caminho ser inteiro católico, ele também é inteiro aberto. Lucão esteve em contato com a religião dos outros e do próprio Caminho. Frequentou às missas dos peregrinos e foi abençoado. Se emocionou e foi tocado. A ajuda gratuita ao próximo funcionava para Lucão quase como uma moeda de escambo: você ajuda e em algum momento também será ajudado. Ele entendeu que esse fator caridoso de cada ser humano tem nome nas diversas religiões, mas que no fundo é o puro amor daqueles que se ajudam.



A chegada à Santiago dessa vez significava muito mais: orgulho pela antes impensável quantidade de quilômetros andados. A sensação de que era capaz de fazer e alcançar muitas coisas. Mas que mesmo com o êxito isso não seria fácil. E acima de tudo, muita felicidade. Ao encontrar os amigos que haviam sido companhias fiéis na peregrinação, o choro voltou. Choro de alegria, emoção de ver cada um com suas dificuldades físicas e emocionais chegando ao tão esperado destino. Choro de amor. Mesmo com os contrastes da chegada de ter passado 30 dias com muito pouco e ver os turistas ávidos por uma foto, assistir à missa do peregrino na Catedral de Santiago de Compostela, com os movimentos pendulares do maior incensário do mundo fechou o percurso com emoção e sensação de dever cumprido. Como último ensinamento, Lucão percebeu que os tablets e celulares incansáveis em busca da captura de momentos só levariam a recordação. A lembrança de viver momentos só é possível quando você realmente os vive. Ainda assim, chegar em Santiago é um choque e a volta para a realidade de casa também.



Após a chegada no Brasil, Lucão não conseguiu cumprir o prazo de três meses que tinha negociado com a editora para a conclusão do livro. Era preciso se distanciar do Caminho por um tempo para conseguir escrevê-lo. A volta foi aos poucos, a euforia para falar sobre o Caminho era imensa porque a vontade é de nunca parar de viver aquela experiência. Foi necessário um mês para que fosse possível “despressurizar” e se (re)adaptar à vida cotidiana. O Caminho mudou e ainda muda muita coisa, pensar no Caminho, é uma forma de repensar a vida, refletir sobre questões como consumo, vestimenta, carro e até mesmo (não se assuste): a quantidade de livros que o escritor tem. Mesmo que a vida de fato volte “ao normal” aos poucos, a consciência mais limpa permanece.

O primeiro contato com os textos e relatos descritos do Caminho foi duro, apesar de ser uma experiência gostosa, literariamente haviam “nós” que precisavam ser desatados. Ao mesmo tempo, Lucão revivia a sensação de peregrinar. Aos poucos as recordações vinham à mente, os personagens ganhavam vida e os detalhes do Caminho se tornavam vívidos novamente. O processo de escrever o primeiro romance durou cinco meses e foi prazeroso, tão prazeroso que a vontade de escrever outros romances se tornou realidade. Ao final, quando o livro foi entregue para a editora, seu sentimento era de ter concluído mais uma vez o Caminho de Santiago de Compostela. A oportunidade de poder contar sobre o Caminho e transmitir um pouco daquilo que viveu através do que mais ama é motivo de felicidade e satisfação. A editora está feliz, a agente literária está feliz. Lucão está feliz.



05

“Assim como na vida, a única coisa que você pode fazer é aceitar aquilo que o caminho te entrega. Viver não é a chegada, viver é estar no caminho.”

Família Tilp

As aventuras da família Tilp são de longa data. Quando Nicolas, o filho mais velho de 19 anos, tinha apenas quatro anos, Lucinda e Jonas seguiram por 24 dias em uma viagem de carro com o objetivo de explorar a América Latina. Anos mais tarde, já com Vinicius de 13 anos, viajaram ao Peru para conhecer a cidade perdida dos incas, Machu Picchu. Os passeios diferentes e fora do comum incluíam até diversas e divertidas viagens de jipe, Brasil afora.



A ideia de peregrinar rumo à Santiago de Compostela nunca esteve longe do gosto e dos planos do casal, mas o início do relacionamento com o Caminho, como acontece na maioria dos casos, foi solo. Jonas trabalhava como diretor executivo de um grupo italiano em Joinville, onde a família mora, e em 2014 se viu com alguns dias de férias

e a pergunta sobre o que faria nesse tempo. Determinado, chegou em casa e avisou a esposa que partiria rumo à Espanha para cumprir o primeiro terço do percurso. Os outros dois terços seriam feitos mais adiante, em 2015 e 2016, quando houvessem outras oportunidades de dias livres para embarcar novamente na aventura. Lucinda brilhou os olhos e perguntou quando iriam, mas dessa vez a jornada seria sozinho. Jonas se propôs a sair do eixo da sua rotina diária e a realizar algo impactante, que oportunizasse novas visões do mundo. Jonas entendia que só seria possível obter respostas à medida que as perguntas para elas fossem feitas. E sabia que durante a caminhada, um dia de cada vez, teria a chance de compreender suas perguntas e, quem sabe, as respostas.



Jonas seguiu rumo à Espanha. Logo na primeira noite, na beliche ao lado, encontrou um de seus irmãos do Caminho, Joe da Nova Zelândia. Outro amigo, o italiano Simone, se juntou à dupla e assim seguiram como companheiros rumo à peregrinação. As conversas com os amigos eram profundas e quase íntimas e logo nos primeiros momentos da jornada, Jonas os confessou que, naquele ponto inicial, já sentia vontade de peregrinar com Lucinda, Nicolas e Vinicius. Queria dividir com eles os momentos especiais que estava vivendo. A saudade batia e a lembrança da família era constante. Todos os dias, ao caminhar pela manhã, Jonas procurava pela flor mais bonita que poderia encontrar. E, graças ao auxílio da tecnologia moderna, mandava para Lucinda um merecido bouquet. As flores permitiam que Jonas estivesse presente, mesmo que ausente fisicamente, no dia a dia da esposa que havia ficado no Brasil com a tarefa de cuidar sozinha da casa e dos filhos. O estar presente, principalmente no

presente, trazia reflexões importantes para Jonas. Sua primeira etapa do Caminho permitiu entender que, por mais que tenhamos sonhos e visões para o futuro, a única certeza que temos é a da conexão com o agora. E que viver o presente é essencial para seguir caminhando.

A volta para casa e para o Brasil representaram grandes mudanças na vida de Jonas. E de certa forma, as vivências do Caminho foram sendo implementadas também na questão profissional. Por vontade própria, se desligou da função que exercia e decidiu criar um espaço chamado TreeCom Coworking. O espaço recebe pessoas das mais diversas, que buscam um local para reuniões ou mesmo para trabalhar com tranquilidade. O objetivo é que haja interação e cooperação, para que seja possível, como no Caminho, aprender e ensinar. A árvore, logo do espaço, possui uma copa colorida onde ao invés de folhas há mãos pequenas, grandes, roxas, azuis, amarelas e rosas. A árvore é capaz de abrigar ideias, abrigar negócios, mas, principalmente, abrigar pessoas. Jonas sabe que o mais importante das vivências dos caminhos da vida são as pessoas e que, como escreveu Antoine de Saint-Exupery: “nós somos eternamente responsáveis pelas pessoas que cativamos”. E com a responsabilidade de cultivar e cativar a árvore mais bonita que tinha plantado até então, decidiu que o ano de 2015 seria o ano em que a família peregrinaria até Santiago de Compostela.



Era necessário que a logística da viagem em família fosse extremamente bem pensada, afinal Vinicius ainda era uma criança e com apenas 11 anos caminhar por centenas de quilômetros poderia ser cruel. Em abril daquele ano, Jonas partiu rumo à Espanha com a ideia de não apenas continuar o segundo terço de peregrinação, mas entender

o terreno e os cenários que estariam à frente dos desafios em família na sua viagem mais adiante. Jonas seguiu com a missão de reservar todos os albergues onde se hospedariam e garantir que a família estivesse sempre junta ao final dos dias quando enfim partissem rumo à Espanha. O objetivo de Lucinda e Jonas era dar a oportunidade para os filhos de viver aquela experiência e apresentá-los à chance de um dia, caso sentissem individualmente que deveriam, voltar para o Caminho de Santiago. Depois de muito pensar em como seria a melhor forma de fazer o percurso de Burgos a Leon, decidiram que seria em duplas, Lucinda e Nicolas a pé e Jonas e Vinicius de bicicleta. O primeiro treino para descobrir se o esquema funcionaria veio no aniversário da cidade de Joinville daquele ano, nove de março. A família partiu rumo a Pomerode, com paradas em Schroeder e Jaraguá do Sul. E perceberam que não só funcionava, como gostaram da experiência. E assim, em julho de 2015, os quatro seguiram para a Espanha.



A rotina da família era percorrer a mesma distância diariamente e se encontrar no final da caminhada (ou pedalada) na cidade em que haviam combinado. Perto da hora do almoço se hospedavam, se alimentavam e descobriam juntos o que os *pueblos* espanhóis tinham a oferecer. Mesmo que cada um estivesse no seu momento particular, vivendo uma experiência única, a certeza de que o grupo estaria junto no fim do dia era reconfortante. Tentavam acordar antes do amanhecer e começar a caminhada ainda no escuro, por isso viram, em família, nasceres de sol inesquecíveis. Dessa forma driblavam as temperaturas extremas que o início da tarde apresentava. Ainda assim, exaustão física, o calor, o esforço, o desconforto e a convivência diária e intensa repercutiam em alguns momen-

tos de tensão e estresse. A intensidade da peregrinação faz com que haja instantes de nervosismo, cansaço e agitação. E para Lucinda o melhor dessas horas era que elas não aconteciam coletivamente e, por isso, os outros estavam lá para “segurar a barra”, dar espaço e entender que realmente era apenas um momento passageiro. O caminho em grupo faz com que seja necessário ressignificar muitas questões familiares, a afinidade é crucial para que o percurso funcione e dar tempo ao outro necessário para a convivência. Caminhavam, pedalavam e tinham o conforto de que o amanhã seria outro dia.



A família aprendeu que tornar a viagem mais leve mesmo diante dos desafios que o Caminho apresenta é uma escolha. Que sorrir alivia dores e tensões. E que entre o bom e o mau humor, aquele que prevalece é o que mais se nutre. Quando se está sorrindo, ou mesmo agradecendo, não há tempo para reclamar e as atitudes se tornam naturalmente mais positivas, refletindo naquilo que o mundo e o Caminho passam a te entregar. A escolha de passar muitas horas lado a lado, mesmo que seja com um familiar, trouxe inseguranças para os peregrinos. Sem saber que pensavam sobre o mesmo assunto, Nicolas e Lucinda se preocupavam em manter a conversa fluindo para as sete ou oito horas de caminhadas diárias. E Jonas cuidava para não ser exigente demais com o pequeno Vinicius. Pois a escolha da atitude positiva foi certa e, mesmo que não percebessem, tornaram o convívio agradável e natural. Os momentos em que os quatro estavam juntos foi também de muita diversão e risadas. Descobriram e exploraram castelos, beberam muito achocolatado e nadaram nas piscinas públicas dos *pueblos* da Espanha.



Um dos maiores ensinamentos veio quando, ao chegarem em um dos albergues reservados em abril, descobriram que havia um erro de registro e a reserva para a família não mais existia. A surpresa veio, porém, quando o dono se ofereceu para hospedá-los na pousada de sua mãe, na cidade de Molinos. E mesmo que o local fosse fora da rota, os levaria até lá e os traria de volta no dia seguinte. Era necessário aceitar as surpresas que o Caminho os reservava e seguiram rumo a Molinos. Não importa se já é, foi ou deseja ser peregrino, quem sonha em fazer o Caminho de Santiago de Compostela tem passagem quase obrigatória pelo filme *“The Way”*, do diretor Emilio Estevez. O filme conta a história de um pai, interpretado pelo ator Martin Sheen, que, após a morte de seu filho em uma nevasca nos Pirineus (cadeia de montanhas localizada na primeira fase do percurso, entre a França e a Espanha), decide partir em peregrinação. E com a família Tilp não poderia ter sido diferente. Fãs do filme e da história, receberam naquela noite um presente: a casa da pousada onde dormiriam havia sido cenário de parte do filme. Diante daquela situação tiveram ainda mais certeza de que, assim como na vida, coisas boas acontecem para aqueles que aceitam o que o Caminho oferece.

Como Vinicius, que ao descer os morros do Caminho abria os braços aproveitando o momento, a família compreendeu que é necessário viver cada segundo. É importante estar presente de corpo e alma, vivendo com plenitude cada instante. Sejam eles bons ou de dificuldades. E caso sejam de dificuldade, é preciso aprender que há ali alguma lição para ser tirada. Caso sejam bons, o segredo está em se regozijar com eles. A essência do peregrino está nesse caminho interno de busca. Para a família aventureira, viver não se trata de chegar, mas de caminhar. Jonas acredita e brinca que o peregrino só não continua

a caminhar porque ainda não aprendeu, como Jesus Cristo, a caminhar sobre a águas.



Chegar em Madrid, após 12 dias de caminhada, representou questionamentos e indagações. Durante o Caminho, a vida se resume à mochila, onde tudo o que se tem está organizado. E essa era a sensação que Lucinda tinha. Tudo o que ela precisava estava ali: seu núcleo familiar e as pessoas que mais ama estavam ao seu lado e tudo do que precisava materialmente também. O contraste com a vida urbana, onde o tempo é curto e a velocidade acelerada, após ter passado pela experiência mais simples (e mais rica) foi quase um incômodo. O Caminho funcionou quase como um retiro, uma forma de se desligar das tecnologias e cobranças diárias de uma vida consumista. E a partir dele, a consciência se tornou maior.



A volta para o Brasil também não foi fácil. Entender que aquela era a casa onde moravam e aquele era o estilo de vida e rotina das suas realidades demorou. Entrar nos eixos da vida cotidiana acontece, querendo ou não, mas os ensinamentos dos dias de caminhada permanecem vivos em família. A medida que situações, vividas também no Caminho, acontecem, os aprendizados, adquiridos pela forma com que agiram e se sentiram em suas jornadas como peregrinos, voltam à tona. É necessário que, assim como no Caminho, viver um dia de cada vez, que os detalhes sejam observados e as pequenas surpresas admiradas. É preciso comemorar cada pequena conquista, cada pequena vitória e cada pequeno passo.

Outro aprendizado adquirido na caminhada e cada vez mais presente na vida da família Tilp é de que conhecer e

conviver com pessoas dos mais diferentes tipos é riquíssimo. No Caminho de Santiago de Compostela é possível observar todas as crenças, ideias, pensamentos, origens e culturas. É o local onde é realmente possível ver o judeu e o árabe sentados à mesma mesa, dividindo o mesmo alimento. É importante se despir de todo o tipo de julgamento ou pré-concepção, pois só assim se torna realmente possível se conectar com o outro. A linguagem do Caminho é a empatia, em que sorrisos e trocas sinceras tornam possível a comunicação entre qualquer pessoa. Receber esses encontros oferecidos pela vida se tornou parte da família. Além do Coworking, onde estão em constante contato com os mais diversos seres humanos, Lucinda recebe também grupos de hóspedes em uma casa de visitas com capacidade para quarenta pessoas, no sítio da família em Campo Alegre, conhecida como Campo dos Sonhos. Aos finais de semana a família sobe a Serra de Santa Catarina e parte para mais outras tantas aventuras. De certa forma, o Campo dos Sonhos é também parte do Caminho. Lá os grupos têm a chance de viver como família, como verdadeiros irmãos no aconchego de um lar, têm a chance de encontrar refúgio do dia a dia e da rotina apressada. E a família Tilp, a chance de reviver o melhor dos dias de peregrino: a companhia uns dos outros.



06

*“Se esse caminho de irmandade
fosse a nossa existência, estaria tudo
resolvido, porque no caminho nós
somos todos peregrinos”*

Manoel Mendes

O dia no Oikos começa simples. Apesar de o espaço estar localizado na beira de uma rodovia de Criciúma, a enorme quantidade de pássaros e árvores faz com que o clima seja de refúgio ao caos da vida urbana. Mhanoel acorda nesse paraíso natural diariamente e ali vive uma vida tranquila. Cuidar da horta, praticar yoga e sessões de terapia fazem parte do dia a dia daquele uma vez já teve uma rotina acelerada e intensa. Mhanoel acredita que na vida não há voltas, somente idas e que a caminhada da existência é apenas para frente. Justamente por isso, não vive pela metade e procura sempre fazer o que acredita que deve fazer, afinal, não há como voltar.



Formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, especialista em Fundamentos da Educação e mestre em Ciência Política, se viu diante de uma

vida estressante e caótica, em que o prazer havia sido substituído por um vazio espiritual. Era 2001 e o trabalho que tinha na agência de publicidade do qual era dono o deixava em um estado constante de inquietação. A rotina era em volta do consumo e venda e aquilo incomodava Mhanoel, que tentou buscar na terapia e na Formação Holística de Paz, ambas em Florianópolis, alternativas para fugir das contradições em que vivia. Caminhou muito, noites e dias em busca de uma cura para a alma. Caminhou na esperança de deixar a sua verdadeira alma vir à tona, depois de abafá-la por muitos anos. Porém, no momento em que o incômodo deu lugar ao início de uma crise existencial, vendeu a agência de publicidade e decidiu peregrinar. Mhanoel partiu em busca da sua essência, em busca de se reencontrar como homem e como ser humano. E como diz seu mestre Pierre Weil: em busca do reencontro com a sua criança interior. E sabendo que a vida era feita apenas de idas, decidiu ir pela primeira vez ao Caminho de Santiago de Compostela como um ritual de passagem, como forma de deixar para trás o que vivia e ressurgir como um novo ser. Com a experiência de afivelar a mochila nas costas e caminhar por trinta dias sentindo o vento no rosto, Mhanoel sentiu novamente o espírito de liberdade. E entendeu que o ser humano não veio à terra apenas para ser sedentário, mas para experimentar ser nômade, que é a real essência do nosso ser.



A segunda ida à Santiago aconteceu ao final de mais um momento de mudança de vida. Após se divorciar de sua primeira esposa, com quem tem dois filhos, Mhanoel precisava passar pelo processo de compreender o que havia acontecido e seguir em frente. E em 2005 partiu mais uma vez a Santiago de Compostela com seu amigo Beto Colom-

bo. Hoje Beto prepara grupos de executivos para caminharem por dez dias em busca do mesmo tipo de experiência que os amigos viveram. A peregrinação, junto ao companheiro, fez com que Mhanoel entendesse que as transformações pessoais acontecem em nível do ser humano, que o Caminho não muda ninguém. A caminhada do peregrino é sempre para dentro e o Caminho funciona apenas como uma desculpa para que essa jornada aconteça. Para ele, as pessoas se sentem motivadas a caminhar rumo a Santiago porque já sabem que há algo de errado dentro delas. E por isso as transformações pessoais que lá acontecem só podem existir se a pessoa estiver pronta para isso. Sua segunda caminhada “para dentro” em terras espanholas evidenciou algo que já era importante para Mhanoel: a certeza de que todos são iguais. Ninguém quer saber quem você é na sua realidade longe do Caminho. Basta ser peregrino, as pessoas sorriem espontaneamente, olham olho no olho, param para ajudar caso haja necessidade e sempre encontram uma forma de se comunicar. É necessário trabalhar e ressignificar o ego, que segundo Mhanoel é a imagem equivocada que cada um tem de si, para que seja possível sair dos “papéis” do dia a dia e ser apenas um peregrino. O Caminho de Santiago é um caminho de respeito e de amizade e, para Mhanoel, tudo estaria bem no âmbito humanidade se o espírito de irmandade que lá existe prevalecesse também no restante do mundo.



A vontade de olhar cada vez mais para o próximo e contribuir com um mundo melhor foi uma das razões pelas quais o Oikos surgiu. Durante a Formação Holística de Paz, Mhanoel se encantou pelo primeiro seminário assistido, chamado “A arte de viver em paz”. Se encantou tanto que se preparou para ser também um facilitador

desse tema e precisava de um lugar onde ele pudesse ser ministrado. O local para que isso acontecesse em Criciúma precisava ser o mais natural possível, precisava ser reservado, afastado da cidade urbana e em meio à tranquilidade. A busca pelo espaço perfeito fez com que chegasse a conclusão de que ele ainda não existia, era necessário criá-lo. Mhanoel queria viver uma vida mais simples, queria levar na mochila da vida apenas o necessário. E a partir dessas vontades e desejos nasceu o espaço onde hoje mora, vive e trabalha. O terreno de seis hectares recebeu tanto investimento próprio que Mhanoel decidiu parar de contar o valor, sabia que aquele era um investimento pessoal, na sua família e também na humanidade. A palavra *oikos* vem do grego e significa *lar*. Dessa forma, todas as construções do *oikos* são lares: de descanso, de encontro, de alimentação, de meditação e na árvore - onde é possível fazer um retiro de silêncio. Há ainda trilhas e um açude para banho, além da casa onde Mhanoel mora. O lar de encontros se constitui em uma construção octagonal, evidenciando um espaço de reais encontros e verdadeiras comunhões.

O dia a dia do *Oikos* é centralizado na simplicidade. Simplicidade do casal Mhanoel e Dercy. Mhanoel sempre caminhou, no seu álbum de longos percursos está o Caminho das Missões, o Caminho da Ilha em Florianópolis, o Caminho do Anjos em Minas Gerais, Machu Picchu e idas de Criciúma à Santa Paulina. Até mesmo a distância entre Criciúma e Florianópolis já foi percorrida a pé como um mendigo, apenas recebendo ajudas. Os caminhos sempre significaram um ritual de passagem e, em uma de suas caminhadas, conheceu aquela que seria sua companheira de vida. Ela morando em Blumenau e ele em Criciúma, recém divorciados, encontraram um no outro aquilo que vinham se preparando para viver. Após dois

anos de namoro à distância, se encontraram de vez para dar ainda mais vida ao Oikos. A parceria já dura oito anos e inclui também as duas filhas de De, que se tornaram também filhas de Mhanoel, uma de quinze e outra de vinte anos. Junto da família, recebe diariamente pessoas que estão na mesma busca de uma vida mais tranquila e natural. Dercy é terapeuta reencarnacionista, psicoterapeuta, terapeuta natural, facilitadora de yoga, além de alquimizada de alimentos naturais. O casal oferece uma programação diária e bastante completa de aulas de ioga, meditação e reiki, grupos de estudo budista, cronogramas para limpeza intestinal, retiros de caminhada e também palestras preparatórias para o Caminho de Santiago.

Essa é, aliás, a nova missão de Mhanoel e também o motivo de sua terceira peregrinação. Mhanoel aprendeu, após caminhar e estudar muito, que no fundo existe uma explicação científica para a felicidade e a plenitude sentida ao caminhar. O movimento do corpo faz com que o hipotálamo - parte do cérebro responsável pelo controle das emoções e do comportamento - libere neurotransmissores responsáveis pela sensação de bem estar. Mais conhecidos como “hormônios da felicidade”, a dopamina, adrenalina, serotonina e endorfina, são liberados na corrente sanguínea e a sensação que trazem acaba por dar sentido à vida. Quem caminha uma vez não tem mais vontade de parar de caminhar, é quase como uma droga ou um vício. Com o objetivo de fazer com que mais pessoas pudessem sentir o êxtase do caminhar, Mhanoel deu início ao processo de preparar grupos para a peregrinação. E a primeira viagem aconteceu em 2017.



A preparação começou ainda em 2016, quando as quatro mulheres que iriam com Mhanoel se decidiram pela

viagem. Camila Martineli dona de um super mercado, as psicólogas Emanuely Martineli e Rosineri Tiburcio e a esposa de Mhanoel, Dercy, começaram o processo sabendo que aquela seria uma experiência especial. No ano que antecedeu a peregrinação, as quatro fizeram diversos encontros terapêuticos, onde as sessões aconteciam de forma particular e em grupo. Isso porque Mhanoel se formou também em psicologia e atuou como terapeuta nessa vivência. Além disso, se prepararam fisicamente nos “retiros caminha” que o Oikos oferece. Tiveram a chance de experimentar como seria o Caminho, de dormir em beliches como nos albergues e hospedagens, de caminhar de bota e mochila e também de viver em grupo 24 horas por dia. A ida para Mhanoel é apenas de ganhos espirituais. Suas pacientes ou companheiras ficaram responsáveis financeiramente apenas pelos gastos de Mhanoel na viagem, que acompanhou individualmente a preparação física, mental e espiritual de cada uma. Para ele, ser a ponte para que se tornassem pessoas melhores já faz com que valha a pena, pois quem mais ganha na doação é aquele que doa. Mhanoel é grato àqueles que lhe dão a oportunidade de servir e com elas não poderia ter sido diferente. A preparação física das viajantes era algo crucial para Mhanoel. O aproveitamento do que o Caminho tem a oferecer pode ser muito limitado quando há desafios físicos a serem enfrentados. Apesar de a dor sempre acontecer, o corpo vai se recuperando a medida que o ácido lático cria a resistência necessária. Mhanoel queria que tudo ocorresse da melhor forma possível e através de sua viagem com as peregrinas pôde pôr em prática todos os *insights* que as experiências como psicólogo, buscador, caminhante e peregrino haviam proporcionado.

Essa bagagem de Mhanoel foi insumo para que criasse uma teoria sobre o Caminho e sobre o caminhar. Ele en-

tende que a peregrinação é composta de três etapas. A primeira delas, chamada de Fase do Corpo, se constitui no condicionamento físico dos primeiros dias. Naquele momento o corpo passa a entender como funciona a rotina de acordar e caminhar. A dor acontece mesmo para aqueles que se prepararam, mas se a preparação tiver sido feita com responsabilidade e instrução a dor fica em segundo plano e é possível acessar a mente. Nesse momento tem início a Fase da Mente. Nessa etapa todos os assuntos da vida cotidiana vêm à tona, quer você queira que venham ou não. É possível ponderar sobre cada um deles, encontrar a solução para os que precisam e estar em paz com o que se pensa e sente. O tempo caminhando é extenso e torna a mente clara sobre o trabalho, a família, as relações e todo o resto. Tem-se então início a Fase do Espírito. Para Mhanoel, essa é a hora em que se deixa de caminhar e se passa a levitar, a felicidade adquirida pelos hormônios liberados é atingida e o amor puro prevalece. Os olhares dos peregrinos passam a ser somente de carinho e pureza.

Para a alegria de Mhanoel a teoria foi comprovada em sua terceira jornada a Santiago. Apesar de cada um ter o seu próprio caminho, tanto na peregrinação como internamente, o trabalho em grupo foi engrandecedor. Todas as noites se reuniam e faziam sessões de terapia em grupo, durante as caminhadas as terapias eram individuais. O papel de Mhanoel era o de facilitar essa vivência, que não poderia ter sido mais rica. Também ficou responsável pelos registros, pelas fotos e vídeos e pelas notícias dadas às famílias. Sem a opção de fugir dos pensamentos e sentimentos, afinal são sete a oito horas diárias de caminhada, o objetivo de todos era o de se enfrentar, o de realmente olhar para si. Os trinta dias de percurso entre San Jean Pied de Port equivaleram a quase dez anos de

terapia na vida “normal” das peregrinas. O investimento do colocar a mochila nas costas proporcionou um salto gigantesco rumo ao autoconhecimento. Nas palavras de Mhanoel a experiência foi bárbara e o grupo flutuou.



O sentido de viver coletivamente, em harmonia com o outro foi e é parte importante do Caminho para Mhanoel. Ajudar o próximo e pensar no próximo que está por vir é um dos pontos-chaves do aprendizado. Durante o percurso há diversos albergues em que a contribuição financeira é espontânea, ou seja, você paga pela sua hospedagem e refeições o valor que acredita valer. Calcular quanto vale a recepção em um local como esse é quase impossível, afinal, o sentido de uma experiência como essa é das mais enriquecedoras. O alimento que é oferecido e a manutenção do espaço só é possível porque alguém veio antes. E a sua contribuição pagará o conforto do próximo peregrino. Esse é o verdadeiro sentido de irmandade no Caminho de Santiago, explícito também nas bênçãos comunitárias e políglotas das missas assistidas pelo percurso. Por que a vida inteira não pode ser dessa forma, sem exploração ou vantagens? Essa é uma das perguntas que ainda martela na cabeça de Mhanoel. Afinal, para ele, o Caminho só faz sentido se for possível trazê-lo para o dia a dia. O Caminho deve trazer sentido para a existência e para o cotidiano do peregrino. O contrário, onde o peregrino só entende o sentido da vida enquanto caminha, passa a ser algo não saudável. E é isso que Mhanoel não quer. Mhanoel ajuda esses grupos porque entende que, assim como no Caminho, como ele facilita agora, os peregrinos que vão em sua companhia serão facilitadores em outros aspectos posteriormente.



O “clima” dessas aventuras vividas por Mhanoel no Caminho de Santiago é de amor, carinho e bondade. Ele, como peregrino, aprendeu a apenas agradecer e dessa forma aceitar aquilo que o acontece. Santiago de Compostela não é um fim, não é um destino, mas apenas um começo. Os ensinamentos são tantos que não é possível restringi-los apenas à passagem pela cidade de Santiago. Como não há volta, a felicidade está no caminho, afinal também não há lugar para chegar. O Caminho enganhou e grudou em Mhanoel, que passou a compreender, com plenitude, que o presente é realmente um presente. Ou melhor, *el presente es un regalo*.



